

O português dos holandeses de Carambeí: identidade e r-forte

Letícia Fraga¹

¹Departamento de Letras – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

leticiafraga@gmail.com

Resumo. *Carambeí, uma pequena cidade no interior do Paraná, é a primeira colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911. E apesar de ser bastante antiga, até hoje temos a impressão de que saímos do Brasil quando vamos a Carambeí e conhecemos sua gente. Mas o que é fato e o que é impressão? Quem são os carambeienses? São holandeses ou são brasileiros? Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas e que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e lingüísticamente, este estudo pretende: a) discutir a identidade dos “holandeses” de Carambeí; b) analisar a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí no que diz respeito ao uso do r-forte; e c) estabelecer que tipo de relação se dá entre identidade e uso de determinada variante de r-forte no português. No que diz respeito à identidade manifesta pelos “holandeses”, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) e dos “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F). No que diz respeito ao uso de r-forte, os grupos 1M e 1F usam vibrante múltipla e tepe; o Grupo 2M também usa a vibrante e o tepe; já o Grupo 2F foi dividido: o Grupo 2Fa usa somente vibrante e tepe e o Grupo 2Fb usa fricativa e vibrante. Os Grupos 3M e 3F usam somente fricativa. Enfim, pode-se dizer que a manifestação da identidade holandesa contribui para o uso de tepe. Já para o uso de vibrante, parecem contribuir mais para uma identidade indefinida, mas oposta à “brasileira”. O uso de vibrante e fricativa parece estar relacionado à identidade “brasileira”. Finalmente, o uso exclusivo de fricativa parece estar ligado à total indiferença quanto ao holandês e à total identificação com a identidade de “brasileiro”.*

Resumen. *Carambeí, una pequeña ciudad en el interior del Paraná, es la primera colonia holandesa de Brasil, fundada en el 1911. Mismo siendo bastante antigua, hasta hoy tenemos la impresión de que salimos de Brasil cuando llegamos a Carambeí y conocemos su gente. ¿Pero lo que es hecho y lo que es impresión? ¿Quiénes son los carambeienses? ¿Son holandeses o son brasileiros? Considerando que estas cuestiones todavía no fueron suficientemente respondidas y que el municipio de Carambeí es bastante complejo cultural y lingüísticamente, este estudio pretende: a) discutir la identidad de los “holandeses” de Carambeí; b) analizar la variedad del portugués hablado por los “holandeses” de Carambeí en lo que dice respeto*

al uso del r-fuerte; y c) establecer que tipo de relación se da entre identidad y el uso de determinada variante del r-fuerte en el portugués. En lo que dice respecto a la identidad manifiesta por los “holandeses”, se percibe que se establecen dos grupos distintos: de los “brasileros” (parte del grupo 2F y grupos 3M e 3F) y de los “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, y parte del grupo 2F). En lo que dice respecto a la utilización del r-fuerte, los grupos 1M y 1F utilizan vibrante y tap; el grupo 2M también utiliza la vibrante y lo tap; ya el grupo 2F fue dividido: el grupo 2Fa utiliza solamente vibrante y tap y el grupo 2Fb utiliza fricativa y vibrante. Los grupos 3M y 3F utilizan solamente fricativa. Siendo así, se puede decir que la manifestación de la identidad holandesa contribuyo para la utilización del tap. Ya para la utilización de la vibrante, parecen contribuir más para una identidad indefinida, mas opuesto a la “brasileira”. La utilización de la vibrante y la fricativa parece estar relacionada a la identidad “brasileira”. Finalmente, la utilización exclusiva de la fricativa parece estar ligada a la total indiferencia cuanto al holandés y a la total identificación con la identidad de “brasileiro”.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Variedade de português de Carambeí; identidade; r-forte.

1. Introdução

Carambeí, uma pequena cidade de dezessete mil habitantes distante 15 km da cidade de Ponta Grossa/PR, é uma das três colônias holandesas do estado Paraná. Mais especificamente a primeira – portanto, a mais antiga – colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911.

Neste artigo, pretende-se descrever a situação lingüística da comunidade “holandesa”¹ de Carambeí, mais especificamente a relação entre a identidade manifesta pelo indivíduo holandês e determinada variante de r-forte na variedade de português falada em Carambeí, tomando como unidade de análise a comunidade de fala holandesa, a família e o indivíduo bilíngües em português/holandês. Como hipótese de trabalho propõe-se que a identidade dos “holandeses” não é uma só. Os mais velhos tendem a ver-se como “holandeses” e os mais jovens, como “brasileiros”. Em função disso, a variante de r-forte tepe corresponde à identidade holandesa e o r-forte fricativo, à identidade brasileira.

¹ Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por estas designações deu-se por duas razões: os próprios “holandeses” de Carambeí fazem esta distinção (autodenominam-se “holandeses” e distinguem-se dos não holandeses, a quem chamam “brasileiros”) e Rickli (2003) propõe em seu trabalho sobre a colônia de Castrolanda a utilização do termo “brasileiro” como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

2. Materiais e métodos

Nesta pesquisa, para fazer o levantamento dos dados a respeito da identidade dos “holandeses” de Carambeí e da variante de r-forte na variedade de português falada em Carambeí, utilizou-se o método etnográfico, pois estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos, uma vez que possibilita que “uma variedade de métodos sejam utilizados para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema”, como afirma Saville Troike (1989, p. 128). Portanto, utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica.

O método etnográfico requer que o investigador penetre no universo cultural de um grupo étnico específico e, guiado basicamente pelas informações aí obtidas, desvende sua história, seus significados e suas respectivas inter-relações. Em etapa posterior, é preciso selecionar os eventos correlacionados aos objetivos investigativos propostos ou selecionar o que, no curso da investigação, se revele mais significativo para o específico interesse do etnógrafo. Por envolver a chamada observação-participativa, os estudos etnográficos proporcionam uma ampla visão sobre, por exemplo, a real significação de determinados fatores sociais e lingüísticos em determinada comunidade de fala. Logo, ao adotar um método dessa natureza, evitam-se, por exemplo, meras descrições.

Em síntese, atentou-se para uma questão inerente à tarefa do etnógrafo, a de suspender temporariamente o julgamento e abstrair os conhecimentos próprios, que são consequência do pertencimento a uma cultura particular, de forma a tentar entender outra vida cultural como um “*insider*”. Esse foi o procedimento adotado quando da coleta de dados etnográficos no município de Carambeí- PR.

A investigação da comunidade “holandesa” de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. A observação como “*sympathetic participant-observer*” ou como “*analytical participant-observer*”, isto é, junto com o grupo e sobre o grupo, foram ambas adotadas, já que a comunidade está relativamente acostumada a tais formas de observação, principalmente pelo contato com jornalistas, com turistas do país e do exterior e com pesquisadores.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolingüística, como este estudo.

Os informantes selecionados para a entrevista residem tanto numa pequena área urbana, quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural (em fazendas e sítios) e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações, uma vez que se visitaram várias famílias “holandesas” de Carambeí. No total, entrevistaram-se vinte e quatro pessoas.

Os critérios gerais pré-estabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes:

- Ter mais de 18 anos;
- Ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno);
- Ter nascido (ou se mudado até os 5 anos) e sempre vivido na região de Carambeí;
- Ser bilíngüe em português/holandês em algum grau.

No quadro a seguir, pode-se observar o perfil dos informantes que forneceram os dados referentes à discussão sobre os usos lingüísticos da comunidade de fala dos “holandeses” de Carambeí.

Infor- mante	Sexo	Ida- de	Ascendência	Profissão
DG	M	70	pais holandeses	aposentado
HS	M	73	pais holandeses	agricultor
JG	M	71	pais holandeses	pecuarista
BD	M	71	pais holandeses	agricultor
JLG	F	75	pais holandeses	dona de casa
WGG	F	75	pais holandeses	dona de casa
THS	F	72	pais holandeses	dona de casa
WCGE	F	74	pais holandeses	dona de casa
AF	M	50	pais holandeses	contador
BD	M	50	pais holandeses	guia de museu
WD	M	47	pais holandeses	agricultor
RW	M	46	pais holandeses	pecuarista
RHB	F	44	pais holandeses	secretária
IS	F	43	pais holandeses	dona de casa
WSGG	F	41	mãe indonésia e pai holandês	dona de casa
AJWB	F	42	pais holandeses	professora
CD	M	23	avós maternos e paternos holandeses	estudante
FF	M	22	avós paternos holandeses	estudante
DF	M	24	avós paternos holandeses	estudante
MG	M	21	avós maternos e paternos holandeses	estudante
GF	F	22	avós paternos holandeses	estudante
SSM	F	21	mãe holandesa e pai “brasileiro” (filho de pais holandeses)	estudante
MD	F	20	avós maternos e paternos holandeses	estudante
FD	F	21	avós maternos e paternos holandeses	estudante

Tabela 1. Perfil sociocultural dos informantes

3. Referencial teórico

3.1. A noção de identidade

Para Toscan (2005, p. 50), a noção de identidade pressupõe a de alteridade, isto é, a existência do *outro* diferente do *eu*. Ambos se determinam reciprocamente, uma vez que

ser *X* equivale a não ser *Y*. Neste trabalho, por exemplo, segundo depoimentos, “ser holandês” implica “falar holandês” e “não ser brasileiro”, ou seja, implica uma negação, uma diferenciação do outro. Enfim, “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2000, p. 79). Além disso, na relação entre identidade e diferença, se estabelece uma “oposição binária”, isto é, enquanto um dos termos é prestigiado, valorizado, o outro, em oposição, é negado, desprestigiado (AMANCIO, 2007, p. 48).

Para Silva (2000, p. 76), a identidade e a diferença são consequência de um processo que se dá cultural e socialmente. Portanto, a identidade não é imutável, lógica, fixa, mas inconstante, incoerente, instável e incompleta, posto que é estabelecida por pressões sociais. Dessa forma, identidade e diferença não são “simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81). Além disso, “dependendo de suas posições nos processos da sociedade, as pessoas ‘modernas’ podem ter identidades distintas e, algumas vezes, conflitantes” (MEY, 1998, 87-88).

Em termos gerais, os “holandeses” de Carambeí inicialmente consideram-se brasileiros, sem exceção. Mas à medida que dão seus depoimentos, percebe-se que ora se estabelece uma oposição entre “eles”, identificados como “brasileiros” (os nascidos no Brasil e não descendentes de holandeses) e “nós”, os “holandeses” (os nascidos no Brasil e descendentes – filhos, netos ou mesmo bisnetos – de holandeses); ora entre “eles”, os holandeses da Holanda, e “nós”, os “holandeses” do Brasil. Há também os que afirmam sentir-se “meio holandês/meio brasileiro”, já que os “brasileiros” os consideram “holandeses” e os holandeses os consideram “brasileiros” e os que não se sentem “nada, coisa alguma”.

Segundo depoimentos, a condição de “ser brasileiro” é “óbvia”, uma vez que todos “nasceram no Brasil”, na cidade de Carambeí. No entanto, essa parece uma denominação incompleta, que não dá conta de tudo o que a questão envolve (como o fato de boa parte da comunidade ser/ter sido bilíngüe em holandês/português), ou seja, ser “brasileiro” é diferente de ser “brasileiro descendente de holandeses”. Daí a autodenominação “holandês” (em oposição a “brasileiro”) mesmo para os nascidos no Brasil.

Nesse sentido, as noções de atitudes lingüísticas e de identidade de grupo encontram-se imbricadas. “Puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Assim, a partir da observação das atitudes manifestadas por um grupo em relação à fala do outro, torna-se possível verificar se se estabelece ou não uma relação de identidade – lingüística e social – entre eles, “brasileiros” e “holandeses”. Em contrapartida, a identidade expressa ou não por um grupo em relação a outro pode também influenciar as atitudes manifestadas (AMANCIO, 2007, p. 51).

Os dados coletados nessa pesquisa levam-nos a concluir que a identidade manifestada entre os membros dos grupos pesquisados não é homogênea, estável ou uniforme. Ao contrário, ela é inconstante e até mesmo contraditória. É importante esclarecer que a identidade discutida aqui é aquela que o informante manifesta e não a que o pesquisador indica, pois também duvidamos, assim como Mey (1998, p. 82), de que alguém tenha “o direito de dizer que ele ou ela pertence a um determinado grupo étnico”. Da mesma forma que não se pode “negar que ele ou ela pertence a tal grupo”.

3.2 O português falado pelos “holandeses” de Carambeí

Este trabalho retoma as conclusões de Verburg (1980) sobre o português falado por descendentes de holandeses em Castrolanda/PR, que é uma das três colônias holandesas do Paraná, estabelecida entre 1951 e 1954. Neste estudo, Verburg (1980) buscou verificar o papel das variáveis sociais na aquisição de uma 2ª língua, no caso o português, uma vez que a língua materna dos imigrantes holandeses e de seus descendentes à época era o holandês. Mais explicitamente, procurava-se investigar a natureza da correlação existente entre as variáveis sociais observadas – sexo, idade, instrução, ocupação e índice de contato com o português – e o desempenho lingüístico, em português, dos falantes de Castrolanda.

Desse modo, o trabalho buscava responder à seguinte pergunta: “quando falam português, os “holandeses” de Castrolanda realizam o r-forte como tepe, em função da influência do holandês?” Em relação a essa questão, encontraram-se os seguintes resultados: na variedade de português falada pelas mulheres, comparadas à dos homens, há uma grande ocorrência de tepe como r-forte; também na variedade de português falada pelas pessoas mais velhas, em comparação à das mais jovens, há uma predominância de tepe como realização de r-forte; os menos instruídos falam igualmente uma variedade de português em que o tepe como r-forte predomina; enfim, no português falado pelos que têm um contato menor com a língua portuguesa também prevalece o tepe como realização do r-forte.

Enfim, a autora confirma a hipótese inicial de que a presença de tepe como r-forte no português falado pelos “holandeses” é influência da língua holandesa sobre a portuguesa, uma vez que, segundo resultados da pesquisa, o tepe como r-forte se dá menos freqüentemente na variedade de português falada pelos que têm mais contato com o português.

Por essa razão, neste trabalho se investigou, na variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí, a realização do r-forte, uma vez que, segundo Verburg (1980) e os próprios “holandeses” entrevistados, este é o aspecto que mais chama a atenção dos “brasileiros” no sotaque “holandês”. Além disso, procurou-se também relacionar

As especificidades fonéticas e alofônicas próprias de cada língua são, sem dúvida, um dos principais fatores responsáveis pelo surgimento de interferências comumente detectadas na fala de estrangeiros, denominadas de sotaque. Por essa razão, passemos, na seqüência, à descrição dos sistemas consonantais da língua holandesa e da língua portuguesa.

3.2.1 Descrição fonético-fonológica dos róticos e das fricativas do holandês padrão

Segundo descrição de Gillis e De Houwer (1998), a língua holandesa padrão tem como um fonema rótico e uma fricativa: tepe e fricativa velar. Ao primeiro fonema, tepe, corresponde a letra “r”; ao último, “g” e “ch”. O tepe possui um alofone, a vibrante e a fricativa velar possui o alofone fricativa uvular.

Segundo falantes nativos, em língua holandesa, tepe se mantém tepe em quaisquer contextos fonológicos, em segunda posição de ataque silábico e em posição de ataque silábico no meio de palavra, numa fala dita “normal”, “corrente”. Por outro lado, tepe passa a vibrante quando se quer dar “ênfase à palavra”.

3.2.2 Descrição fonético-fonológica do r-forte no português brasileiro

Como já foi dito, dentre as várias interferências fônicas detectadas na produção oral em português dos bilíngües em holandês/português, selecionamos o fonema vibrante porque tanto Verburg (1980) quanto os próprios informantes entrevistados neste trabalho sugerem que a realização do r-forte como tepe é uma das principais características do sotaque “holandês” na língua portuguesa.

É preciso considerar que o fonema /r/ é um dos sons consonantais do português brasileiro que mais recebeu atenção por parte de foneticistas e fonólogos variacionistas, devido à grande variabilidade apresentada em seu uso. Callou *et al.* (1997), por exemplo, num estudo sobre a realização das consoantes pós-vocálicas no português brasileiro, analisaram ocorrências de /r/ em cinco capitais e identificaram sete realizações fonéticas: vibrante, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa laríngea (aspirada), tepe e aproximante retroflexa, além do zero fonético.

Justamente por apresentar grande variabilidade, os principais estudos sobre a vibrante foram efetivados a partir da perspectiva da sociolinguística laboviana. Tais estudos apontaram, entre outras coisas, que a vibrante tem ocorrências e frequências diferenciadas por variedades de língua, isto é, ou ela pode servir como identificador da região de origem do locutor, ou como marca de sua identificação sociocultural. Nesse sentido, observe-se que as pesquisas de Monaretto (1992), por exemplo, sugerem que “os bilíngües de colonização européia substituem a vibrante múltipla pela simples, em qualquer posição da palavra” (grifos nossos).

Enfim, na situação em estudo, constata-se que a variante tepe disputa terreno com a forma vibrante na parcela da comunidade que estabelece contato moderado com outras variedades dialetais do português e concorre com a fricativa na parcela da comunidade que mantém contato intenso com tais variedades. Tal situação faz da vibrante uma forma intermediária, conciliatória, coerente com seu próprio valor fonológico enquanto variante de transição entre a forma tepe, extremamente “interiorana”, e a fricativa, extremamente “urbana”.

Como já se disse, no português do Brasil, o r-forte é condicionado pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p.

49). No português brasileiro, o r-forte pode ser pronunciado como [x, h, r, ʀ]. Já no estado do Paraná, na região dos Campos Gerais (à qual pertence a cidade de Carambeí), segundo o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH, KLASSMANN, ALTENHOFEN, 2002), a pronúncia do r-forte se dá como vibrante.

Por outro lado, segundo Callou e Leite (2000, p. 76), no português brasileiro atual verifica-se uma forte tendência em substituir a vibrante pelo r fricativo. Segundo as autoras, além de a pronúncia fricativa do “r” em substituição à vibrante não ser recente (já era documentada ainda no final do século XIX) no cenário fonético do português falado no Brasil, a pronúncia do r fricativo é mais privilegiada dentre os falantes no território nacional.

Por meio de suas pesquisas, efetuadas no Rio de Janeiro, as autoras puderam constatar que, mesmo nas classes que empregam a fala culta, esse fenômeno é bastante generalizado. Segundo Abaurre e Sândalo (2003, p. 161-162), essa consoante já está tão difundida no território nacional, que o uso da vibrante, na pronúncia de r inicial e dobrado, encontra-se, atualmente, restrito a apenas alguns dialetos, como os gaúchos, por exemplo.

No português do Brasil, quando a vibrante estiver no início de uma sílaba e não for precedida por uma vogal, ela pode permanecer vibrante, como ainda ocorre em algumas regiões do Rio Grande do Sul, ou ser realizada como uma fricativa glotal na maioria dos dialetos.

Dessa forma, comparando-se os sistemas consonantais do holandês e do português, destacam-se determinadas lacunas que revelam que alguns fonemas do português não têm correspondentes no holandês e vice-versa (VERBURG, 1980, p. 60).

Os quadros a seguir resumem essa comparação:

Oclusiva velar	Fricativa pós-alveolar	Vibrante alveolar	Nasal palatal	Aproximante lateral palatal
g	ʃ ʒ	r	ɲ	ʎ

Tabela 1. Consoantes do português que não fazem parte do sistema fonológico do holandês sociocultural dos informantes

Fricativa velar	Nasal velar
ɣ	ŋ

Tabela 1. Consoantes do holandês que não fazem parte do sistema fonológico do português sociocultural dos informantes

Portanto, considerando-se a análise de Verburg (1980), o que se deve levar em conta é o fato de que, em holandês, vibrante e tepe são alofones de /r/, para quaisquer contextos, ao passo que em português o tepe restringe-se aos ambientes V_V, C_V e

CV_ em algumas variedades. Daí a interferência que faz com que os “holandeses” de Carambeí tenham a tendência de usar o tepe também como r-forte ao falar português.

4. Resultados

4.1 A identidade dos “holandeses de Carambeí

A seguir serão apresentadas as discussões da pesquisa sobre a identidade dos “holandeses” de Carambeí, por grupo de informantes.

Grupo 1M

O grupo 1M se autodenomina “holandês” em oposição aos “brasileiros”, que são, na verdade, os nascidos no Brasil que não têm ascendência holandesa. Os limites e contrastes que se estabelecem entre os grupos são explicitados por meio do emprego dos dêiticos “nós” e “eles”, presentes em praticamente todas as entrevistas, assim como outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre os grupos dos “brasileiros” e dos “holandeses” de Carambeí. Muitos, inclusive, afirmam que os “brasileiros” é que os consideram “holandeses”. Portanto, se “holandeses” e “brasileiros” não formam um grupo único, isso também se deve aos “brasileiros”, que os vêem como um grupo à parte.

Os **brasileiros** que moram **aqui** se acostumam com os **holandeses** e **nós** com **eles**. Então **nós** somos, não **a gente**, **eu**, por exemplo, **nós aqui** [em Carambeí] **nós** somos **brasileiros**, mas talvez o **brasileiro** ache que nós não somos. [...] Tanto é que **nós** também, **nós** não tivemos nunca [amigos] **brasileiros**, né? E nem **holandeses** também. [...] É, eu tenho ótimos relacionamentos com tantas e tantas pessoas, né? Nessa minha vida toda aí, até hoje tenho, me dou muito bem, agora talvez também por falta de oportunidade, nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com **brasileiro**. [...] Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes (DG).

Os mais velhos relatam conflitos vividos pelos jovens, conflitos esses que parecem não entender.

Lembra ainda, treinando os hinos, hinos nacionais, um rapaz de família S. [Há] quarenta anos atrás. Ele cantando hino nacional da Holanda, fechou a boca. [Eu] disse: “por que você não ta cantando junto?” “Sou brasileiro” [ele respondeu]. “Sim, mas é educado quando vem gente da Holanda e gente do Brasil cumprimentar este gente brasileira com hino brasileiro e as autoridades da Holanda cantando hino nacional da Holanda”. [Ele disse] “ah, sim, eu canto”. [Então] ele cantava junto (H.S).

De acordo com o depoimento, “brasileiros” e “holandeses” não formam um grupo único, homogêneo. É como se os “holandeses de Carambeí” fossem um grupo a parte, distinto até mesmo dos “holandeses da Holanda”. Estes, por sua vez, são considerados pelos “holandeses” de Carambeí mais “diferentes” do que os próprios “brasileiros”.

Nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com **brasileiro**. [...] Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes. E os **holandeses que vêm da Holanda** pra cá, daí é mais. A diferença pra mim é maior ainda (DG).

Grupo 1F

Assim como o grupo anterior, o Grupo 1F também se autodenomina “holandês”, em oposição ao grupo dos “brasileiros”.

Eu fiquei boba, **holandês** é de café mesmo. Mas o **brasileiro** também gosta café (WGG).

A denominação “brasileiro” serve para identificar o elemento “diferente” em termos lingüísticos, culturais e religiosos. Muitas vezes é o “intruso” que desestrutura a família “holandesa”, modificando seus hábitos e costumes.

1: A minha irmã, todos os genros e noras são brasileiros e às vezes tem um no meio que começa a falar holandês. Os brasileiros ficam lá e os outros falando holandês (THS).

2: O jeito é você se desculpar. “Por favor, desculpa, mas vamos em holandês porque é mais fácil” (HS).

1: Ah, mas isso [se desculpar] eles não fazem. Eles começam a falar em holandês e os outros lá. “O que que tão falando, tão falando de mim?” (THS)

2: Quando brasileiro é junto a gente fala português, precisa (HS).

Mas apesar de as “holandesas” considerarem-se distintas dos “brasileiros”, o grupo também se vê como um grupo diferente dos chamados “holandeses da Holanda”. Aliás, em relação a esse grupo parece haver uma relação de hostilidade mútua, pelo fato de estes se considerarem “superiores” aos imigrantes.

Quando **eles** vêm pra cá [holandeses], **eles** debocham, sabe, do jeito que a gente fala (HLV).

Grupo 2M

O grupo 2M também faz uma distinção entre dois grupos, “nós” e “eles”, sendo que “eles” corresponde ao grupo dos “brasileiros”. Em contrapartida, o grupo do “nós” não é identificado explicitamente como o grupo dos “holandeses” pelos informantes do grupo.

Aqui em Carambeí não era tanto assim. **Nós** já tínhamos contato com o **brasileiro** direto (AF).

É mais freqüente o grupo afirmar que é visto como “holandês” pelos “brasileiros”, o que, inclusive, parece não ter relação alguma com o fato de falar ou não holandês. Além disso, segundo o grupo essa é uma diferenciação que sempre existirá, independentemente da vontade ou das atitudes dos “holandeses”.

Eu acho que mesmo que ninguém mais fale holandês, aqui, em Carambeí, mas **nós** vamos continuar sendo os **holandeses**. Acho que daqui a vinte anos,

mesmo que não fale uma palavra de holandês, **nós** vamos ser sempre os **holandeses** (HM).

Muitos, aliás, rejeitam fortemente a denominação de “holandês”. No entanto, como se pode observar na fala a seguir, percebe-se que recusar a designação de “holandês” não significa assumir a de “brasileiro”, que sempre acaba correspondendo a um “ele/eles” e nunca a um “eu/nós”.

A maior vergonha que eu tive [foi] na vida profissional. Quando eu comecei a trabalhar na cooperativa. E lá sempre o meu apelido foi “**seu holandês, seu holandês, holandês**”. Eu falei “eu não sou holandês”. Mostrava minha carteira de identidade. “Aqui, ó” Será que o **brasileiro** é tão burro de me dar uma carteira de identidade brasileira se eu... Não sou holandês. [...] Esse complexo [de estrangeiro] eu nunca tive. Mas eu posso te garantir, por eu ter sido uma exceção, no escritório, porque a maioria tinha sua própria propriedade, a maioria dos filhos das propriedades, **eles** trabalhavam nas chácaras mesmo. Então dentro do escritório eu era uma exceção. **Filho de holandês**, trabalhando no escritório, onde a maioria era **brasileiro**, vamos dizer assim. Daí, vinha de Ponta Grossa ainda o pessoal, então daí nas reuniões e tudo sempre, meu apelido sempre foi “**holandês**” no escritório. “**Seu holandês**”, “**seu holandês**”. Sempre contestei. E não é vergonha o termo certo. Ainda não concordo com esse termo teu. Não era vergonha. Só contestava. O termo pra mim não é vergonha. O termo pra é, me enchia o saco mesmo. “Por que que você me chamam de **holandês**? Eu não quero ser chamado de **holandês**” (AF).

Alguns informantes do grupo se autodenominam “descendentes de holandeses”, expressão mais “neutra”, que parece ser um meio-termo entre “holandês” – que é “forte demais” – e “brasileiro” – que parece insuficiente.

Tava já cinco meses na Holanda, encontrei um colega que estudava comigo no Brasil. Era **descendente de holandês** também (RW).

Assim como os grupos anteriores, este grupo também não se identifica com os chamados “holandeses da Holanda”. No entanto, pelo menos aparentemente, entre esses dois grupos não se estabelece uma relação de hostilidade explícita.

Quando vêm os **holandeses**, que eu converso com **eles**, muitas vezes eu tenho que perguntar: “pode repetir?” ou “que palavras, o que que é essa palavras que falou?”. Então são palavras que **eles** usam. Então, é, eu, pra contar sobre a história de Carambé lá na, no museu, muitas vezes eu tenho que pedir ajuda até dos próprios **holandês** porque de vez em quando **eles** fala uma palavras e é parecida com francês ou com, com inglês e eu não sei falar inglês. Então **eles, eles** me ajudam muitas vezes a descobrir as palavra certa pra aquilo que eu quero falar, pra, pra frase que eu quero formar. Então eu, eu falo razoavelmente. Não, os **holandeses** ficam admirados com, né, com, mais porque eu nasci aqui e, né, eu tive na Holanda, mas eu nasci aqui, então **eles** ficam admirados com o meu holandês (BD).

Grupo 2F

Este grupo é o primeiro que não se autodenomina – implícita ou explicitamente – “holandês”. Ao contrário, uma parte das informantes do grupo se autodenomina explicitamente “brasileira”, argumentando que nasceu no Brasil, conforme se pode verificar pelos depoimentos a seguir:

Eu não sou **holandesa**, eu sou **brasileira**, e isso pra mim há um tempo foi um problema. Assim, todo mundo pede porque, né? Você tem o sotaque. E o meu é bem acentuado, daí a... e daí a, fica aquela coisa, [de que] eu não sou **brasileira** (IS)

No entanto, para outra parte do grupo a questão não parece tão simples. De um lado, não se consideram “holandesas”, pois não nasceram na Holanda. Por outro lado, assumir-se como “brasileiras” parece não ser suficiente para dar conta de todas as especificidades inerentes ao assunto (que envolve, inclusive, o bilingüismo em holandês/português ainda presente na comunidade). Daí a denominação ‘alternativa’ de “carambiano”, esse sim um termo mais “específico” do que (simplesmente) “brasileiro”. Muitos informantes falam inclusive que é muito comum, ao dizerem que são de Carambeí – ou “carambeianos” –, serem perguntados se são “holandeses”.

Eu me sinto **carambiana**, é (IS).

É possível ter uma idéia do quanto a questão é complexa analisando depoimentos como o transcrito a seguir, em que a informante não utiliza nenhuma designação explícita para referir-se ao grupo a que pertence, da mesma forma que não nomeia o grupo oposto. A distinção entre os grupos restringe-se à utilização de termos como “nós/a gente” em oposição a “eles”:

Então essa intriga **a gente** sempre tem, né? Não é todos, né? Não é **nós** que somo contra **eles**, de jeito nenhum. Tem muita gente boa aqui em Carambeí. Mas isso eu acredito que seja mesmo, **a gente** não é assim de ficar se abrindo, né? **A gente** num gosta de ficar se mostrando. Você tem essa diferença em qualquer lugar (AJWB).

Este grupo também entende que muitas vezes é considerado “holandês” pelos “brasileiros”, o que o distancia destes e impede que “holandeses” e “brasileiros” formem um grupo único, homogêneo.

Aqui **você** é visto como **holandês** e lá na Holanda... (AJWB)

Este grupo também é o primeiro a admitir a possibilidade de que ser identificado como “holandês” é algo que causa vergonha.

Essa vergonha existe, de ser chamado de **holandês** (IS).

Grupo 3M

Este grupo considera-se brasileiro, uma vez que “nasceu no Brasil e não fala holandês”.

A gente? A gente é brasileiro, ué! Eu nasci no Brasil. E a minha língua materna é o português. Nem falo holandês direito (MG).

Por essa razão, o Grupo 3M não se considera um grupo à parte, distinto do grupo dos “brasileiros”. Na fala do grupo, não existe o emprego dos termos “nós” e “eles” ou de outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre o grupo dos “brasileiros” e o dos “holandeses” de Carambeí. Muitos, inclusive, estabelecem essa distinção em relação aos seus antepassados (avós, especialmente), que, esses sim, correspondem a um “eles” que constitui um grupo isolado.

Eles têm dificuldade, né? Não falam português direito. Daí parece que também não se integraram. Ficam só entre **eles** ali. Daí é difícil (FF).

No entanto, segundo o grupo, em geral os “brasileiros” os consideram “holandeses”, o que, na prática, dificulta um efetivo pertencimento ao grupo dos brasileiros.

A gente é brasileiro, mas tem gente que não acha. Daí é chato (CD).

Grupo 3F

Da mesma forma que o grupo anterior, o grupo 3F também se considera “brasileiro”, pois nasceu no Brasil e sua língua materna é o português.

A gente é brasileira, nasceu no Brasil, fala português. O pouco que eu sei de holandês aprendi na escola, como se fosse uma língua estrangeira (MD).

Portanto, as moças “holandesas” consideram-se parte do grupo dos “brasileiros”, apesar de muitas vezes serem identificadas como “holandeses” pelos brasileiros não descendentes de holandeses:

Sempre no mesmo horário tinha a saída da [Escola] Júlia [Wanderley]. Então sempre tinha provocação: “olha ali a **holandesa**”. Então tinha que sair correndo pra casa pra não ter de encontrar (SSM).

Também como o grupo anterior, as moças consideram que seus antepassados (avós, especialmente) são um grupo à parte, que corresponde a um “eles”, os “holandeses” não integrados, em oposição a um “nós”, os “brasileiros” que assim se consideram.

Na seqüência, se apresentará a análise desses dados por grupo de informantes.

4.2 Análise das ocorrências de r-forte no português de Carambeí

No total, foram encontradas e analisadas 1689 ocorrências de r-forte. No quadro a seguir, pode-se observar a ocorrência de r-forte por grupo de informantes.

Fricativa velar	Nasal velar
ʁ	ŋ

Tabela 1. Consoantes do holandês que não fazem parte do sistema fonológico do português sociocultural dos informantes

Grupo 1M

No que diz respeito à pronúncia do r-forte, o grupo 1M teve um total de 287 ocorrências de r-forte, das quais **37,3%** (107 ocorrências) foram de vibrante e **62,7%** (180 ocorrências), de tepe. O Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002, p. 148-153, cartas 44, 45 e 46) atesta a ocorrência de tepe como realização de r-forte em localidades em que existem colônias de imigrantes europeus. Ainda segundo o Alers, na região de Ponta Grossa, a que a cidade de Carambeí pertence, o r-forte no português falado pelos não-imigrantes é a vibrante, o que nos leva a pensar que a ocorrência de tepe em nossos dados se deva à influência do holandês. A ocorrência desse som em termos de porcentagem, no caso do Grupo 1, foi importante. E como o r-forte do português falado pelos “não holandeses” da região é a vibrante, pressupõe-se que o grupo também mantenha um contato razoável com os “brasileiros” e a língua portuguesa. De acordo com Verburg (1980), os homens sempre estabelecem mais contatos com a cultura e a língua local, graças ao trabalho.

Grupo 1F

Já o Grupo 1F teve um total de 312 ocorrências de r-forte. O som foi pronunciado quase sempre (**94%**, ou seja, 293 ocorrências) como tepe contra **6%** (ou 19 ocorrências) de vibrante. No entanto, diferentemente do Grupo 1M, a variante preferida das informantes parece ser o tepe (ao passo que o Grupo 1M oscila entre vibrante e tepe). Essa diferença pode ser explicada se considerarmos que as mulheres sempre falaram mais holandês do que português, freqüentaram a escola por menos tempo e tiveram menos contato com a comunidade “não holandesa” do que os informantes do Grupo 1M.

Grupo 2M

Da mesma forma que o Grupo 1M, o Grupo 2M também utiliza tanto a vibrante quanto o tepe como r-forte. Num total de 329 ocorrências, **90%** (296 ocorrências) foram realizadas como vibrante e **10%** (33% ocorrências), como tepe. Portanto, pode-se dizer que, em geral, no que diz respeito à pronúncia do r-forte, o português falado pelos “holandeses” do Grupo 2M assemelha-se bastante ao português falado pelos “não holandeses” da região. Na verdade, esses 10% referentes ao tepe provêm da fala de apenas um informante do grupo, justamente o que tem um nível de escolaridade menor (Ensino Médio) e trabalha ali mesmo, na colônia, como guia do museu, função que o obriga, com muita freqüência, a falar holandês.

Grupo 2F

O Grupo 2F foi dividido em dois subgrupos, 2Fa e 2Fb, estabelecendo-se como critério a ocorrência de fricativa como r-forte. No Grupo 2Fa, em 134 ocorrências, apareceram somente vibrante (53 ocorrências, ou seja, **40%**) e tepe (81 ocorrências, ou

seja, **60%**). Já no outro grupo, Grupo 2Fb, num total de 117 ocorrências, pôde-se observar a presença uma fricativa (92 ocorrências, ou seja, **78,6%**), ainda que em alternância com a vibrante (25 ocorrências, ou seja, **21,4%**).

Grupo 3M

O Grupo 3M é um grupo altamente uniforme, apesar de ser composto tanto por bilíngües efetivos, quanto por bilíngües incipientes em holandês/português. Em 293 ocorrências de r-forte, houve **100%** de fricativa, incluindo a fala dos bilíngües efetivos em português/holandês. Na fala do grupo não ocorreu vibrante ou tepe como r-forte.

Grupo 3F

O Grupo 3F também é um grupo uniforme. Em 217 ocorrências de r-forte, houve **100%** de fricativa, aí incluída a fala das jovens bilíngües efetivas em português/holandês. Não se verificou a presença de vibrante ou tepe como r-forte no português falado pelas jovens “holandesas” de Carambeí.

Parece não restar dúvida de que a variante de português falada pelos “holandeses” de Carambeí passa por um processo de mudança de que a variação analisada pode ser interpretada como um instante sincrônico. Segundo Faraco (1991, p. 117), a predominância de uma variante entre os mais jovens e sua pouca (ou mesmo nenhuma) ocorrência entre os mais velhos (em nossa pesquisa, a fricativa) “pode estar indicando uma mudança em progresso, isto é, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra.” Ou seja, a vibrante e o tepe parecem estar sendo abandonados em favor da fricativa.

A mudança é impulsionada pelos jovens, que constituem a parcela da população mais propensa à influência externa à comunidade. Esta maior propensão à influência externa deve ser atribuída não somente à receptividade ao novo, num sentido passivo, mas também porque os jovens transitam mais entre a colônia e as cidades vizinhas, seja para fins de estudo, trabalho ou lazer.

Por outro lado, os mais idosos tendem a conservar traços relacionados à identidade cultural da comunidade, numa atitude de autopreservação em relação àquilo que é característico da comunidade “não holandesa” (ESPIGA, 1997, p. 183).

Em relação a esse processo de mudança por que parece passar o português falado pelos “holandeses” de Carambeí, considere-se que os falantes avaliam as formas lingüísticas que competem na variação, de modo que a variante usada os “identifica” como grupo étnico. Daí a importância de se analisar a relação que se estabelece entre as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa, a identidade dos “holandeses” e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos “holandeses”.

5. Discussão

5.1 A relação entre a identidade dos “holandeses” de Carambeí e o r-forte no português falado por eles

Em geral, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” e dos “holandeses”. No caso dos primeiros grupos (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F), há uma “auto-separação”, ou seja, os “holandeses” consideram-se “holandeses” em oposição ao grupo dos “brasileiros”. Já no caso dos últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F), há uma separação estabelecida por parte dos “brasileiros”, que consideram os descendentes de holandeses como “holandeses”, portanto, como “diferentes”. Essa não-identificação (estabelecida pelo próprio grupo ou imposta pelo *outro*) entre os dois grupos pode ter traduzida pelo levantamento das seguintes características atribuídas, pelos “holandeses”, aos “brasileiros” e a si mesmos.

Grupos	Brasileiros	“Holandeses”	Depoimentos
Grupo 1M	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco estudiosos • Alegres 	<ul style="list-style-type: none"> • Muito estudiosos • Reservados 	<ul style="list-style-type: none"> • Eu falei pras alunas, vocês reclamam sua história. Só 500 anos. Na Holanda, 2.000 anos. Muito mais (HS). • O holandês é uma pessoa, é um, é um, é mais reservado do que o brasileiro. Brasileiro é mais expansivo, mais alegre (DG).
Grupo 1F	<ul style="list-style-type: none"> • Menos religiosos • Pouco exigentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Mais religiosos • Muito exigentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Os católicos só vão à missa, né? Mas agora eles também começaram a ajudar os próximos (WGG). • Sabe que eu acho que nesse ponto eu sempre admirei os meus sogros. Eles têm muito respeito, mas principalmente para Deus, na Holanda. E aqui você escuta o nome de Deus em vão, assim né? (WCGE). • Não é fácil ser pastor aqui. A gente é muito exigente. Mais que brasileiro. Se um gosta de uma, outro não gosta. O holandês tem um ditado sobre isso: “quem ta botando pedra na estrada, né? Não! É um ditado bem típico holandês. “Quem constrói estrada”, vamos dizer, “todo mundo pára e olha”, né? Então o pastor, ele constrói uma estrada, que nem o professor da escola. Ta sujeito à crítica. É um ditado holandês, é (THS).
Grupo 2M	<ul style="list-style-type: none"> • Não são pastores bons 	<ul style="list-style-type: none"> • São melhores pastores 	<ul style="list-style-type: none"> • Normalmente [rezo] em holandês, por causa das pregações do pastor holandês. Eu, eu prefiro as pregações do [pastor holandês]. Ele, ele [pastor brasileiro], pra mim, ele não sabe pregar. Ele é bem diferente do pastor

			que nós tínhamos. Olha, era excelente. Só que ele se aposentou, né? (BD).
Grupo 2F	<ul style="list-style-type: none"> •“Educados” •Extrovertidos •Não são pastores tão bons 	<ul style="list-style-type: none"> •Francos •Reservados •São melhores pastores 	<ul style="list-style-type: none"> •Com a gente [holandeses], combinou, ta combinado. O brasileiro diz “ah, eu vou na tua casa”. E a gente fica esperando. Se o holandês disser que vai, ele vai. Se ele não tiver certeza, ele não diz (AJWB) • A gente não é assim de ficar se abrindo, né? Que nem no caso dessa entrevista. Eu meio fiquei com o pé atrás, falando de mim. A gente não gosta de ficar se mostrando (AJWB). •Nós temos um pastor holandês muito bom, né? A linha do pensamento não se perde. Eu acho assim, que os pastores que vêm da Holanda têm mais preparação, eles têm estudo mais completo. Então eles, as mensagens são mais completas, são mais estudadas, são mais cabeças (WSGG).
Grupo 3M	<ul style="list-style-type: none"> •Tranqüilos 	<ul style="list-style-type: none"> •Rigorosos 	<ul style="list-style-type: none"> •O “brasileiro” é mais tranqüilo, né? Diferente dos “holandeses” que são mais sérios, é tudo a ferro e fogo (FF)
Grupo 3F	<ul style="list-style-type: none"> •Extrovertidos 	<ul style="list-style-type: none"> •Reservados 	<ul style="list-style-type: none"> •O brasileiro é mais alegre, sorri mais. O holandês é quietão, não mostra os dentes (MD)

Tabela 1. A visão que os “holandeses” têm de si mesmos e dos “brasileiros”

Neste pequeno levantamento, observa-se o quanto a questão da religião é importante para os “holandeses” protestantes (visto que, na comunidade estudada, há quase uma relação de igualdade entre “ser holandês” e “ser protestante”). Muitos chegam a dizer que o maior entrave à relação entre “holandeses” e “brasileiros” é a diferença religiosa. Além disso, pode-se perceber que praticamente todos os “defeitos” dos “brasileiros” têm a ver com a questão da (falta de) religiosidade. Por essa razão, a conversão religiosa (em função do casamento misto) é sempre vista com maus olhos pelos “holandeses”, pois os “brasileiros” não são considerados “lá muitos religiosos”.

Enfim, nos depoimentos dos informantes “holandeses” de Carambeí, percebe-se a presença de juízos de valor implícitos, que desempenham papel definitivo no estabelecimento de identidades ou diferenciações entre os grupos (AMÂNCIO, 2007, p. 87).

Portanto, os “holandeses de Carambeí” e os “brasileiros” são nitidamente grupos distintos, distinção essa que contraria a identidade que os últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) afirmam existir, uma vez que consideram a si mesmos “brasileiros”, mas confirma a impressão geral de não-identidade “imposta” pelos

“brasileiros” que consideram os “holandeses” um grupo à parte, separado, cujas fronteiras são bem delimitadas.

A identidade dos “holandeses de Carambeí”, portanto, é conflitante, pois são “holandeses” brasileiros (nascidos no Brasil), mas ao mesmo tempo não são simplesmente brasileiros. Por essa razão, autodenominam-se “holandeses” (Grupos 1M e 1F) ou mesmo “carambianos” (Grupos 2M e 2F) e também “descendentes de holandeses” (Grupos 3M e 3F). Portanto, é uma identidade complexa, que encerra incoerências, posto que os “holandeses” de Carambeí também não se identificam com os “holandeses da Holanda”, de quem fazem questão de se distinguir. Além disso, ainda é interessante observar que, nesses termos, ser “holandês” não implica falar holandês. Os depoimentos, aliás, são muito claros quanto a isso. No entanto, a língua holandesa foi durante muito tempo a única língua falada na comunidade, de modo que assumiu um valor maior do que o da língua da sociedade maior, o português. Por essa razão, apesar de atualmente o holandês não ser mais falado por toda a comunidade, foi essa língua minoritária que estabeleceu a própria identidade do grupo etnolingüístico, uma vez que a identidade é construída a partir da história do grupo social.

Sumarizando o que foi dito até momento, a maioria dos “holandeses” de Carambeí considera-se “holandês” em oposição aos “brasileiros” que não têm ascendência holandesa e também são considerados “holandeses” pelos “não-holandeses”. Dessa forma, passam a formar um grupo étnico, pois a identidade social surge ao identificar-nos como membros de uma comunidade em que nos definimos como o endogrupo, em oposição aos demais, que são definidos como o exogrupo. Nessa definição, identidade é entendida como alteridade, pois não é possível falar desse construto sem se perguntar pelo Outro e pela nossa relação com esse Outro, da qual deriva a comparação com ele (KRAMSCH, 1998, p. 8).

No entanto, é necessário esclarecer que não há uma distinção categórica entre uma identidade e outra, de modo que a passagem de um pólo a outro se dá, na realidade, na forma de um processo contínuo (AMÂNCIO, 2007, p. 91). Assim sendo, “ser brasileiro” pode ser interessante em determinados momentos, como, por exemplo, na escola, na universidade, quando se está perto de “brasileiros” (fora da colônia) e não se quer destoar daquele grupo (fazendo negócios, no trabalho) ou perto dos “holandeses da Holanda”. Por outro lado, em outras situações sociais dentro da colônia, na igreja, na família, nas amizades e no grupo de jovens, é interessante “ser holandês”. Por essa razão, os “holandeses” ainda preferem namorar e casar entre si, principalmente porque têm a mesma religião e os mesmos costumes.

Vou ofender a senhora, mas queria que eles casassem com holandês. Aí no fim a gente tinha que escolher um rapaz do mesmo raça. Então segurava demais. Aí a gente não sentiu tanto. Agora vai passar isso. Já ta passando, aliás, não ta mais assim. Ninguém contra casar com outra raça. Mas então... Não sou contra, a gente não é contra a raça. Nós não somos nem um pouco. A gente não tem destinação. Mas o povo não aceita quase é a religião, principalmente. Religião diferente. Tinha muita medo que a gente perdesse aquela fé que eles [tinham quando] vieram aqui, né? (WGG)

Dessa forma, pode-se dizer que:

Tudo depende, portanto, dos papéis sociais desempenhados e dos interesses vigentes, afinal, como já afirmamos anteriormente, os processos de identidade e diferença não são, nunca, inocentes ou desprovidos de ideologias. Trata-se, portanto, de um jogo de interesses que, pode até ser jogado inconscientemente, mas que define quando é feita a “identificação” e quando se deve optar pela “diferenciação”, ou seja, é a esse jogo que se atribui a delimitação entre a “identidade” e a “diferença” (AMÂNCIO, 2007, p. 91).

Como se pode perceber, existe uma relação muito estreita entre crenças e atitudes lingüísticas e identidade e uso de determinada variante de r-forte. Em termos gerais, os que têm atitudes positivas em relação ao holandês e identificam-se como “holandeses” tendem a usar o tepe. Já os que têm atitudes negativas em relação ao holandês e não se identificam nem como brasileiros nem como “holandeses” usam somente vibrante. Os que se identificam com a identidade brasileira e têm atitudes negativas em relação ao holandês usam fricativa e vibrante. E os que se consideram brasileiros e mantêm atitudes neutras em relação ao holandês, porque não a consideram sua língua, usam somente fricativa.

Enfim, pode-se dizer que determinadas atitudes e identidade contribuem mais para o uso (exclusivo) de tepe: atitudes positivas em relação à língua holandesa e identidade “holandesa”. Já para o uso de vibrante, parecem contribuir mais as atitudes negativas em relação ao holandês e uma identidade não “holandesa” e não “brasileira”. O uso de vibrante e fricativa parece estar relacionado a atitudes positivas em relação ao português e negativas em relação ao holandês e à identidade “brasileira”. Finalmente, o uso exclusivo de fricativa parece estar ligado à total indiferença quanto à língua holandesa e à total identificação com a identidade de “brasileiro”.

6. Considerações finais

No início deste trabalho, nos propusemos responder a uma série de questões a respeito da colônia holandesa de Carambeí e da comunidade “holandesa” que lá se estabeleceu há quase um século. Propomo-nos analisar mais detidamente o indivíduo “holandês”, no sentido de estabelecer a) a identidade manifesta pelos “holandeses” de Carambeí; b) a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí no que diz respeito ao r-forte; c) que tipo de relação se dá entre identidade e uso de determinada variante de r-forte no português; d) se há uma mudança em curso no português falado pelos holandeses no que diz respeito ao aspecto analisado.

No que diz respeito à identidade manifesta pelos “holandeses”, em geral, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) e dos “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F).. Portanto, os “holandeses de Carambeí” e os “brasileiros” são nitidamente grupos distintos, distinção essa que contraria a identidade que os últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) afirmam existir, uma vez que consideram a si mesmos “brasileiros”, mas confirma a impressão geral de não-identidade “imposta” pelos

“brasileiros” que consideram os “holandeses” um grupo à parte, separado, cujas fronteiras são bem delimitadas.

No que diz respeito ao uso de r-forte, o grupo 1M é bastante homogêneo. Houve um total de 287 ocorrências de r-forte, de que **37,3%** (107 ocorrências) foram de vibrante múltipla e **62,7%** (180 ocorrências), de tepe. O Grupo 1F também é homogêneo em relação ao r-forte: num total de 312 ocorrências de r-forte, o som é quase sempre (**94%**, ou seja, 293 ocorrências) tepe contra **6%** (ou 19 ocorrências) de vibrante múltipla. No entanto, diferentemente do Grupo 1M, a variante preferida das informantes parece ser o tepe (ao passo que o Grupo 1M oscila entre vibrante e tepe). O Grupo 2M também utiliza tanto a vibrante quanto o tepe como r-forte. Num total de 329 ocorrências, **90%** (296 ocorrências) foram realizadas como vibrante múltipla e **10%** (33% ocorrências), como tepe. Portanto, pode-se dizer que, em geral, no que diz respeito ao r-forte, o português falado pelos “holandeses” adultos assemelha-se bastante ao português falado pelos não holandeses da região. O Grupo 2F foi dividido em dois subgrupos, 2Fa e 2Fb, estabelecendo-se como critério a ocorrência de fricativa como r-forte. No Grupo 2Fa, em 134 ocorrências, apareceram somente vibrante (53 ocorrências, ou seja, **40%**) e tepe (81 ocorrências, ou seja, **60%**). Já no outro grupo, Grupo 2Fb, num total de 117 ocorrências, pôde-se observar a presença de r-forte fricativo (92 ocorrências, ou seja, **78,6%**), ainda que em alternância com a vibrante (25 ocorrências, ou seja, **21,4%**). Os Grupos 3M e 3F são altamente homogêneos, apesar de ser composto tanto por bilíngües efetivos quanto por bilíngües incipientes em holandês/português. Em 293 (Grupo 3M) e 217 (Grupo 3F) ocorrências de r-forte, houve **100%** de fricativa, incluindo a fala dos bilíngües efetivos em português/holandês.

Considerando esses resultados, parece não restar dúvida de que a variante de português falada pelos “holandeses” de Carambeí, no que diz respeito ao uso de r-forte, passa por um processo de mudança lingüística de que a variação analisada pode ser interpretada como um instante sincrônico. A mudança é impulsionada pelos jovens, que constituem a parcela da população mais propensa à influência externa à comunidade.

No que diz respeito à relação entre a identidade dos “holandeses” de Carambeí e o r-forte no português falado por eles, o Grupo 1M se autodenomina “holandês” em oposição aos “brasileiros”, assim como o Grupo 1F. Nesse sentido, considera-se que o uso quase exclusivo, pelo grupo, da variante tepe está associada à identidade assumida pelas “holandesas” idosas de Carambeí. O Grupo 2M também faz uma distinção entre dois grupos, e não se identifica como “holandês”. No entanto, recusar a designação de “holandês” não significa assumir a de “brasileiro”. Alguns informantes do grupo se autodenominam “descendentes de holandeses”, expressão mais “neutra”, que parece ser um meio-termo entre “holandês” – que é “forte demais” – e “brasileiro”. Dessa forma, o uso quase exclusivo de vibrante múltipla pelo grupo (a mesma variante presente no português falado pelos “não holandeses” da região) parece revelar essa falta de identificação entre o grupo e a identidade de “holandês”. O subgrupo 2Fa não se autodenomina – implícita ou explicitamente – “holandês” ou “brasileiro”. Daí a denominação ‘alternativa’ de “carambiano”, esse sim um termo mais “específico” do que (simplesmente) “brasileiro”. Quando não se usa termo “carambiano”, é freqüente a

informante não utilizar nenhuma designação explícita para referir-se ao grupo a que pertence, da mesma forma que não nomeia o grupo oposto. Essa condição de “manter um pé em cada canoa” nos parece estar associada ao uso, em tempos gerais, da variante vibrante múltipla no português falado pelo grupo. Por outro lado, o subgrupo 2Fb considera-se explicitamente “brasileiro”, argumentando que nasceu no Brasil. Nesse sentido, parece que o uso de fricativa (mesmo em concorrência com a vibrante) tem relação com a identidade assumida pelas “holandesas” do grupo 2Fa. Os grupos 3M e 3F consideram-se brasileiros, uma vez que nasceram no Brasil e não falam holandês. Por essa razão, os jovens “holandeses” não se consideram um grupo à parte, distinto do grupo dos “brasileiros”. Muitos inclusive estabelecem essa distinção em relação aos seus antepassados (avós, especialmente), que, esses sim, correspondem a um “eles” que constitui um grupo isolado. Por essa razão, o uso exclusivo de fricativa é interessante, pois parece refletir tanto o pertencimento (assumido) ao grupo dos “brasileiros” quanto o distanciamento (desejado) do grupo dos “holandeses”, seus antepassados.

7. Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B. M.; SÂNDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, Demerval; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As “cidades trigêmeas”**: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. 102 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

CALLOU, D. *et al.* Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Org.) **Gramática do português falado**, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas/São Paulo: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1997.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. **Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira**. 1997. 213 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1997.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In: _____. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, SA: 1998. p. 179-193.

GILLIS, S.; DE HOUWER, A. **The acquisition of Dutch**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs) **ALERS**: Atlas lingüístico-etnográfico da região sul do Brasil. Curitiba/ Florianópolis/ Porto Alegre: Editora UFPR/ Editora da UFSC/ UFRGS Editora, 2002.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
MEY, Jacob. Etnia, Identidade e Língua. In: SIGNORINI, Inês (Orgs.) **Língua(gem) e Identidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 69-88.

MONARETTO, Valéria N. de O. **A vibrante: representação e análise sociolingüística**. 1992. 104 p. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **The ethnography of communication, an introduction**. 2 ed. Oxford, Blackwell, 1989.

RICKLI, João Frederico. **A comunidade da benção: religião, família e trabalho na colônia Castrolanda**. 2003. 146 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção da Identidade e da Diferença. In: _____ (Orgs.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

TOSCAN, Mirian Peccati. **O comportamento lingüístico na comunidade bilíngüe ítalo-brasileira de Nova Pádua/RS: identidade, prestígio e estigma lingüísticos**. 2005. 189 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

VERBURG, Marrisje K. **O Bilingüismo em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua**. 1980. 144 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.